



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 478 — Preço 1\$00
7 DE JULHO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

ÁFRICA

O dia de S. João, foi a data a partir da qual pedimos a viagem. Não sabemos ao certo quando será, mas esperamos chamada a toda a hora e momento. Esperamo-la de coração alvoroçado, na expectativa de abraçarmos os nossos, que já não vemos, uns há meses, outros há anos.

Ainda hoje o correio nos trouxe duas cartas de Angola: uma do Luso, daquele Beneditino que foi o responsável pela mais calorosa recepção que ali tivemos, há dois anos; a outra do nosso Raul, o «Camões». Tão amigos, ambos! Tão particularmente consoladora a deste último, que conheceu prisões na sua trajectória e hoje, uma vez mais, nos confessa, com aquela simplicidade que eu tive ocasião de experimentar no nosso breve convívio:

Antes de mais aceite os sinceros desejos do meu coração de uma felicidade infinita e da ajuda de Deus.

Pego imensa desculpa de só agora escrever-lhe.

Estive uns poucos de meses à espera para ser transferido do Dingo e foi esse o motivo de tal demora.

Espero que não se zangue comigo, pois jamais esquecerei um amigo tão sincero e bondoso.

Enquanto estive no Dingo, recebia o jornal do Gaiato, mas como vim para Benguela, deixei de o receber, por isso, pego de todo o coração que continui a enviar para cá, o qual tem sido um amigo nas horas das tentações e do desânimo.

Tenho pena que não venha a Benguela pois desejava vê-lo e dar-lhe um imenso abraço cheio de carinho e de reconhecimento. Não sou quase nada perante o mundo, mas perante a minha alma considero-me alguma coisa boa. Consegui regenerar-me totalmente e fugir das malhas da justiça, umas vezes justa e outras injusta. Graças a Deus que consegui alguma coisa de mim.

Já não sou o que era dantes! Agora sou outro, embora humilde, mas de bem com a minha consciência.

A minha vida nestes últimos anos tem sido boa pois não me tem faltado nada, por isso me sinto reconhecido a todos os que me fizeram bem!

Pois aqui temos de como, sem contar, procurarei incluir Benguela na nossa rota angolana.

Ele chegou há dois anos, quando eu lá estava, mas desembarcou no norte e não nos

chegámos a encontrar. Vai para três, pois, que não nos vemos. Que não fossem as próprias saudades... Só para corresponder àquele «Deus queira que venha até Benguela, pois nesse dia seria a pessoa mais feliz daqui», que ele diz em P. S. — só por isto, valerá a pena remover dificuldades e ir mesmo até Benguela!

Ao Luso sempre desejei voltar. Agora sinto-me mais forte no desejo com este estímulo do P. e Maia:

«Ouvi dizer que vinha de novo a Angola. Faça lembrar que é requerido assinar ponto no Luso. Entendido?»

E já agora, como temos rapazes no Lobito, em Nova Lisboa e Sá da Bandeira, não sei como resistiremos a um pulito a cada uma daquelas cidades.

De sorte que, tencionando este ano ser breves no circuito, estou a ver que caímos na rota

de há dois anos. Assim por lá nos aturem e facilitem a boleia...

Onde me parece que tornaremos a não pôr o pé é na Lunda. Há dias fui a Lisboa tratar do assunto. Fomos recebidos numa grande sala enfeitada com muitos quadros e também com um grande Cristo Crucificado.

Expusemos:—Temos ali um grande grupo de assinantes de «O Gaiato». Gostaríamos de os ver e que nos vissem. É agradável verem-se caras amigas, normalmente afastadas, e seria consolador ouvir em palavras vivas de como a Obra do Pai Américo tem continuado a crescer.

— Que não. Que o Pessoal, tem ali uma missão muito séria a cumprir e não pode ser distraído dela.

— Mas uma palavrinha do Evangelho será distração que dissipe quem tenha o dever de um trabalho sério? — arriscámos nós.

— Que não. Que ali já há quem pregue o Evangelho. Se o queremos anunciar temos muito onde o fazer por toda a Angola...

Regressámos tristes. Tristes porque julgávamos que a Lunda também era Angola, assim como Angola é Portugal.

Mais tristes, porque temos no bolso um passaporte que nos dá entrada em todo o mundo, menos na Cortina de Ferro. Menos nesta... e na Cortina de Diamantes!

E a nossa alma inquietou-se ainda mais, ao pensar de como Cortina de Ferro e Cortina de Diamantes podem ser extremos que se tocam.

S. Sebastião da Pedreira

Hoje, no Altar, o assunto, foi a alma de Monsenhor Oliveira Reis, que tantos anos paroucou esta grande freguesia.

Muitas vezes lhe batemos à porta, para que nos deixasse pedir na sua igreja. As vezes ralhava... Mas sempre deixou.

Lembra-nos aquele pai de que fala o Evangelho, que encomendando a cada de dois filhos seu recado, de um ouviu: «que sim senhor, muito bem»; o outro refilou. Porém, o primeiro não fez o recado e o segundo sim. Nenhum deles foi perfeito, mas o segundo foi-o mais.

Mons. Reis, ralhava, às vezes, (era seu feitio!) mas sempre nos abriu as suas portas. Na Capital a nossa regra mais geral é ouvir que «sim senhor, está muito bem!...», mas volte pró outro mês». E a gente volta e volta e volta. Cansa-se e cansa, antes que a porta se nos abra...

Deus guarde em Seu Seio a alma de Monsenhor Oliveira Reis.



NESTE ano, até ao presente, recebi já oito dezenas de pedidos de admissão para doentes incuráveis. Sabem quantos deles vieram? — Quatro. E, aos outros, o que disse? — Que não tenho quem olhe por mais. É uma resposta tão pouco cristã! Tão diferente da exclamação dos primeiros tempos: Olha como eles se amam! Ficamos por vezes com o peito a sangrar, por via da negativa que damos. E olha que alguns são gritos de alma bem aflitos.

Esta estava no hospital de Santo António. Fracturou a coxa e não tem possibilidade de recuperação, porque demasiado idosa. Em casa ficou um homem que não é dela. Consciente da situação e mandada embora, suplica em ânsias que não a levem para o pecado. Que lhe ajeitem cama noutra local. Ainda havia uma vaga entre nós, para este problema, mais do que humano: de consciência cristã.

A Ti Aurora andava ao papel pelas calçadas da capital. Como tantos, adoece. Tumor maligno prosta-a no leito. Os inquilinos da casa onde vive, deitam-na fora. A escada é larga e conduz à rua. E a rua encaminha o lixo para aqui. Pobre Ti Aurora. Nasceu em Espanha. Viveu em Portugal. Fala tão bem a nossa língua! E não encontrava pátria para morrer... Está no Calvário.

Para os lados de Alquerubim, em casebre afastado da povoação e isolado nos campos, mora imobilizada, sem higiene nem amparo, uma pobre criatura que aguarda o pão de cada dia das mãos calejadas de quem vai ao labor do campo. Os sacrários têm tantas vezes a lamparina apagada!

Às portas da capital, rapaz cego, surdo e paralisado está entregue aos cuidados tão débeis da irmã de treze anos tenrinhos. «Que é grande obra de caridade tirar aquele doente dali» — gemem cartas aflitas.

No Crato, outro rapaz paralisado e anormal foi rejeitado pelos pais, e somos nós os primeiros a concordar que ele não pode estar sem amparo.

Em Penela, rapariga demente e monstruosa, vivendo na maior imundície, espera também voz de chamada.

E nas circunstâncias destes, quantos não conheço e quantos mais tu também conheces!

Este morava nas Taipas. Certo dia sobe ao leito clínico. O mal declarou-se irremediável. A ordem de saída apresenta-se. Como ninguém vem para o levar, retiram-no e colocam-no na soleira da porta da casa onde vivia a companheira ilegal de alguns anos. Ninguém se informou. Ninguém deu passos a saber se aquela casa permitia o trânsito à Eternidade. Não. Nem sequer batem à porta do segundo piso. Deixam-no na soleira de granito. — «Ó Maria, que está lá em baixo o teu home»!... Não tardou muito o grido de súplica para que este cristão findasse em bem o seu calvário neste de Beire.

Todos somos cúmplices. Não é fulano nem cicrano que procede mal. É a nossa sociedade, com a sua orgânica, com as suas teias emaranhadas.

A sorte do Pobre inválido perturba-me as horas do dia e o sono nem sempre vem nas da noite. Se eu estivesse tolhido nalgum buraco, como suspiraria pelos cuidados dos amigos! Se me empontassem do hospital, como desejaria o leito macio para o corpo atormentado pela doença! E aposto que sentirias como eu sinto, sofrerias como eu tantas vezes sofro, se teus olhos poisassem onde os meus têm caído! A nossa retina guarda a imagem. Esta sobe ao pensamento. E este desce ao peito e a gente passa a sofrer com os que sofrem.

Vou recolhendo pois no peito a máguia dos irmãos e, baixinho, sem ninguém mais ouvir, vou contá-la ao Mestre. Ele que dê um safanão ao nosso mundo para que este estremeça.

Padre Baptista

PORTO/LISBOA — A procissão caminha devagar, sem atropelos, mas com alma vibrante! Ora façam favor de ler esta carta de Lisboa:

«Prezados Amigos. É com prazer que proponho mais um novo assinante. O dinheiro vai mesmo na carta... Espero que mais irão. Um Amigo».

Entretanto, Lisboa, desta vez, marcou em cheio. Pois só uma lista traz mais de uma dúzia de novos leitores. Viva a Capital!

Da Invicta boas notícias. Ainda que menos volumosas. Reparem neste postal:

«Venho pedir para inscrever como assinante do Famoso... São poucos para o que eu desejava propor, mas de vez em quando

CAMPANHA DE ASSINATURAS

lá vai um e este há-de ser dos bons, se Deus quiser».

Isso é verdadeiramente, o que nos interessa, prezado Amigo. Gente que leia e saboreie. Fazmente que todos acataram, já, a nossa intenção e, daí, resolvem notar assiduamente a qualidade dos propostos — «há-de ser dos bons, se Deus quiser».

DO MINHO AO ALGARVE —

Eis a multidão! Multidão apaixonada. Que jamais arrefece. São rimas e rimas de terras, de norte a sul. É Portugal inteiro. Quem me dera poder cantar, aos quatro ventos, a beleza deste peregrinar. Quem me dera!

Foi um dia destes. Um domingo. Bate à porta um cicerone — «Venha depressa. Chegou um Visitante que lhe deseja falar». Desandei imediatamente. Não im-

porta quem nem donde. Era um Visitante. Falámos, falámos. Percorremos a aldeia. E fomos até aos campos novos onde a malta no tanque grande se refrescava a nadar. Ali estava Sr. Padre Manuel, que o nosso velho Amigo desejava conhecer. E com simplicidade, e entusiasmo, revelou quanto já realizou a sua terra nos domínios do Património dos Pobres. «Estão 12 prontas. E mais 2 em construção. Um milagre! O Património dos Pobres é um milagre!» Mais adiante mete a mão no bolso e saca o último exemplar do Famoso. «Aqui está. Ele anda sempre comigo. Sempre!» É o seu livro de orações. Por ele ganha Forças. Tantas, que não o larga — «anda sempre comigo». Ó Famoso! Se já te amava, d'ora em diante mais ainda.

Eis a procissão. À frente, segue Vale de S. Cosme (Famalicão), Águas Santas e Coimbra. Depois, temos Ilhavo, Castelo Branco, Serenada do Vouga, Constância, Mole do (Lourinhã) e Santa Marinha de Gaia, com uma lista de 5 deles. Mais adiante é Silva de, que afirma: «Graças a Deus arranjei uma assinante». Ó satisfação!

E outra lista pesada com gente

fresca de Cadaval e Bombarral. Mais Requeixo (Eixo), Santarém, Prega (Soure), Caldas da Rainha, Espinho, Barroselas, Baião e, finalmente, uma catrefa de assinantes de Leça do Balio, Recarei, Pombal e outras localidades, angariados pelo nosso Fernando Dias. São de colegas de cativoiro. Amizades cimentadas em hora amarga.

ULTRAMAR — Já que o espaço não dá pra mais, façam favor de escutar só Nova Lusitana (Beira): «Junto uma lista de 6 novos assinantes de «O Gaiato». Com muita pena de não ser uma lista muito grande, mas foi o que consegui. Como seria bom que em todos os lares entrasse tão pequeno jornal pra a leitura, mas que é tão grande mensageiro de verdades e Amor! Para eu mandar a importância, pedia o favor de mandarem em meu nome, um vale de correio à cobrança».

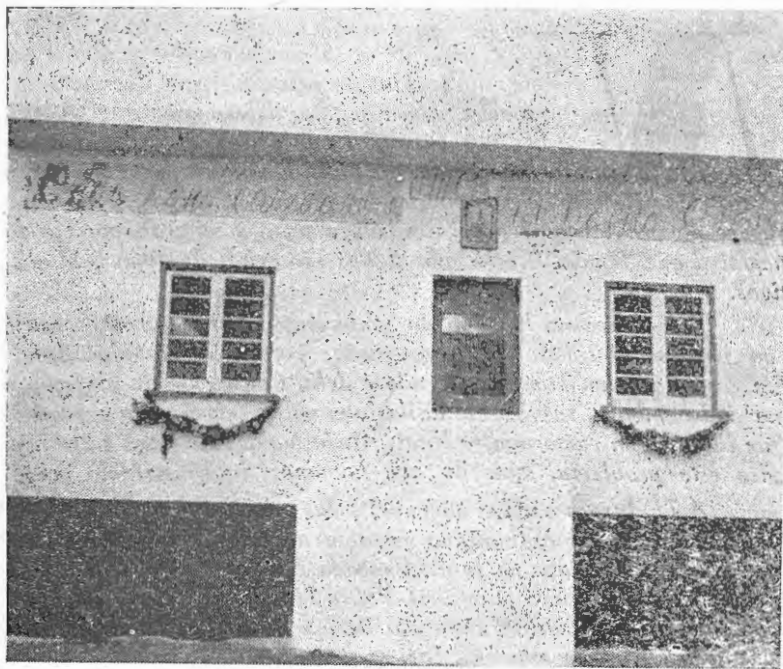
No fim da carta, ao lado, Ave-lino pôs este despacho: «Será conveniente dizer no Jornal que podem depositar no Banco Nacional Ultramarino da Beira». E nós aqui estamos a responder. Pois há dois anos, quando percorremos Angola e Moçambique, abrimos contas em Luanda, no Banco de Angola, e em Lourenço Marques e na Beira, no Banco Nacional Ultramarino, precisamente com essa intenção — livrar do pesado fardo das transferências os nossos milhares de assinantes ultramarinos.

Júlio Mendes



PATRIMONIO

dos Pobres



Uma das lindas Casas na Lourinhã!

Há meses fui em jornada desgostosa bater à porta de paróquias onde havia meios de construir e não se construía. Há delas neste mundo de Cristo. Ainda as há, por nosso mal.

la demonstrar, com o argumento forte dos factos, que aquele «nas obras de Deus o dinheiro é estorvo», de Pai Américo, era uma verdade provada.

É sim senhor! Há por aí terras com algumas boas vontades e outras, más ou inertes, que têm terreno, dinheiro, necessidade. Pobres a viver em condições de escândalo para uma consciência cristã — e a obra protela-se por isto e por aquilo, sempre o relativo das conveniências passageiras a tomar a vez do absoluto da Caridade. Há outras terras, felizmente a grande maioria, onde a força-viva nascida em corações apaixonados por Cristo no Pobre se tem revelado imparável pelas dificuldades e tem realizado, sem meios, o espantoso, espantoso para todos e mais para esses corações que à obra deram as primícias do seu sangue.

«Estas casas fazem-se quando primeiro a gente as faz no coração».

Pois este domingo passado tive larga jornada, mas bem gostosa ela foi!

Às dez e meia da manhã, foi Moreira da Maia. Três casas. Três lindas casas, carregadinhas de contradição. Primeiro foi o terreno. E o terreno arranjou-se. Não era óptimo — nós mesmo o confessámos. Ia caindo o Carmo e a Trindade pela heresia! Falou-se muito, com muita vivacidade e depois... a obra demorou mais de dois anos. E suponho que foram os mais silenciosos na altura, quem na acabou!

Enfim são três casas, três belas casas. O terreno continua a não ser óptimo. Mas, com o estradão aberto pela Câmara, tornou-se razoável. É pena que tão escondido, em terra que bem precisava de saborear o gosto daquelas casas para se lançar na construção de mais! Quando aparecerá uma nesga à beira da estrada? Uma nesguinha para um Pobre, à beira de um rico ou de um remediado?

De Moreira da Maia corremos a Braga ao casamento de um vicentino amigo, que deve muito aos Pobres e lhes tem pago generosamente com o melhor do seu coração. Os moradores do Património de Braga conhecem-no muito bem.

De Braga o salto foi mais longo: a Chaves. Passámos por Vila Real, mas a pressa não nos deixou

parar. Esta cidade espera há seis anos a benção de uma casa. Há 6 dezenas de contos, parece que terreno, creio que também boas vontades... Na tal jornada de há meses passei por lá. Houve certa agitação. Pensei que em Chaves fora mal sucedido na minha intervenção e em Vila Real dera no vinte! Pois foi ao contrário! Vila Real continua dormente. Chaves, em seis meses, já entregou seis casas e prepara-se para mais quatro!

Eram seis da tarde quando chegámos. Estava tudo a postos. As Autoridades, presentes menos por protocolo do que por amizade provada na participação que quiseram tomar sobre si. As seis casinhas têm água e luz e saneamento, o que não é muito vulgar e mais apreciável por se encontrarem já num arrabalde.

Antes de as benzer, o Pároco toma a palavra e diz do seu contentamento por esta obra, que ele próprio não supunha possível e que o espanta por ter sido tão fácil.

Destas seis casas sobra um fermentinho com que vai começar já o novo bloco de duas. Próximo das ora entregues lá estavam as estacas marcando a implantação deste próximo bloco e de outro que ainda ali caberá.

Deus queira que a cidade corresponda e a graça daquelas casas se concretize em tantas quantas... até não haver em Chaves Família indigente a viver em cortelhas.

Pernoitámos ali, eu mais o Fernando Dias. Manhã seguinte rumámos a Bragança. A tardinha apanhou-nos em Alijó, onde mais duas casas se aprestam. Ali ficámos, no remanso daquela Pousada tão amiga, onde o preço da hospedagem foi a alegria de nos vermos e um envelope recheado, mais um embrulho de calçado.

Terça de manhã pulámos a Lamego, a ver o «Botas», que foi nosso e depois das prisões e continua a sê-lo. Vimos os dois meninos dele, muito lindos e inocentes. Deus os guarde do drama do Pai.

O almoço foi tomado entre a comunidade do Colégio Beneditino de Lamego.

E regressámos.



FACETAS DE UMA VIDA

Vamos continuar a assistir ao duelo entre a Mãe e o Pai sobre a educação do Américo.

Esta é nova carta da Sr.ª Terezinha de Antelagar a seu filho P.e José e datada de: «hoje, 1 de Agosto de 1902».

Temos saúde; a mesma te desejo. Dou-te parte que o Jaime mandou 4 sentos e junto uma carta para mim em que dizia eu retirasse o que quizesse para uma criada voua e o resto para a educação do António e Américo. Tu Pai foi dia 29 do passado ao Porto buscar o dinheiro e ontem dia 31 disse-me que ia levar o dinheiro a caicha. Eu disse que sim munto contente e disse-lhe que lhe dava mais sem melreis que tinha para juntar mas que queria o decimento para a minha mão. Elle ficou muito bravo dizendo que era munto capas de tomar conta do dinheiro dos filhos, e eu com cordo. Mas parece-me que eu o guardaria melhor. Agora o que me aflige é a educação do Américo que tantas vezes, fallamos. Dis teu Pai que já é velho para entrar no collegio. Eu digo: — «os irmãos pagam e querem. Que tens tu com isso?» — Querendo ir para Sarnache bai; para outra banda não tem geito por ter 13 annos. Eu não queria que o rapas fosse para o Brasil. O António ficou bem no emzame. Se bisses a conbersa que lhe fas a noute munto alegre... Para o Américo munto ma cara: — Não sei o modo de vida que eide dar aquele rapas. Eu logo respondo: — Já sabes qual deve ser: Como manda o Padre e Jai-

me — Á tu cuidas que o dinheiro não lhe custa a ganhar? Para onde elle deve hir é para Sarnache — torna elle. Estou munto apaixonada por tudo isto. Dis o Américo: — Ora meu Pai não sei qual a razão porque embirra comigo. Eu quando estudei também fiz emzame. Não sei porque me abandona. Foi elle que me tirou de la sem rezão. Estudei quanto pude. Sabes o que me lembra? Mando-te o nome do director do Collegio e tu dali entende-te com elle. Mesmo elle te fará a mezada mais baicha. Eles trazem muntos so a meia mezada. Paresseme isto o melhor de tudo. Não tira que convines com o Jaime acerca deste asunto. Como ja aqui estão os 4 sentos, manda sempre dizer que é para a educação dos rapazes é uma pena que aquella entelegencia não se cultive. Mas eu não poso o dizer nada a tal respeito e eu munto dezejo que elle bolte para o Collegio. O director é: Padre Pedro Pinto Leitão, Collegio de S.ª Quitéria, Felgueiras».

Cinco dias após, 6 de Agosto de 1902 é o Pai quem escreve ao P.e José:

«Vou responder às tuas de 2 e 20 de Junho. (...).

Eis o que penso acerca do Américo: Não o acho com feito para padre; outra carreira pelas letras é tarde para a seguir, pois só aos 28 annos de idade a teria concluído, não perdendo ano algum, o que não é de esperar. E aqui tens um homem trabalhando meia vida e gastando dinheiro, que no quarto de vida que lhe res-



TRIBUNA

de Coimbra

Todas as visitas a nossa Casa são visitas de amor e nos trazem muita alegria e ânimo novo. Ontem foram duas. Primeiro veio o Sr. Ministro das Obras Públicas com o Sr. Governador Civil de Coimbra e demais autoridades. Não foi necessário convidá-los, nem tão pouco houve cerimônias. Uma visita de Amigos muito íntimos que em dias cheios de andar e de trabalhos nos concelhos vizinhos e no nosso, quiseram vir até nós com o carinho que sempre nos têm dispensado.

Por alteração do programa, chegaram mais cedo e eu não estava. Era a hora do almoço e a sopa fumegava em todas as mesas. Senhor Ministro dirigiu-se à sala de jantar. Cumprimentou os rapazes, que já o conheciam pela televisão. Pega na concha e serve alguns dos mais pequeninos. Fala com todos. Entretanto a caravana vai chegando. Demos uma volta, a começar pela cozinha que, naquela hora, era uma barafunda. Aquele nosso Visitante tira uma cõdea de borra, cozida na véspera pelo Fernando espanhol e vai rilhando com muita satisfação durante a visita. Entrou com muita devoção no primeiro quarto de Pai Américo, perguntou com interesse pelo aproveitamento e colocação dos rapazes, inteirou-se do desenvolvimento e finalidade dos trabalhos das oficinas, quis saber directamente dos rapazes em cada oficina do gosto do seu trabalho. Não escondeu a sua alegria e admiração diante do mundo de flores e vegetação e beleza que é nesta altura toda a nossa casa e quinta. Despediu-se com votos de felicidades e nós repetimos a seu respeito os mesmos votos. Foi o Homem simples, inteligente e bom que todo Portugal conhece e estima. Deus o guarde — dissemos todos nós.

Aquilo que dizemos do Sr. Ministro dizemo-lo de todas as pessoas que o acompanharam. Tudo foi por simpatia e amor. Pouco depois chegaram os alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra, acompanhados por dois Professores. Já entrou na tradição deles e

ta apto ou válido para o trabalho não o chega a ganhar. Ora o rapaz tem energias e faculdades de trabalho, isto é, aptidões variadas, e no comércio, se tiver juízo, aos 23 anos de idade pode ter, quando menos, meia subsistência ganha honradamente e sem sacrifício da bolsa dos irmãos. Bem basta sacrifício pelo António, que se não for pelo caminho das letras todos os outros lhe são desconhecidos e para elle intransitáveis. Mas não quero contrariar a tua vontade, só exponho a minha opinião, e se queres que elle estude, estuda; assim como entendo que se quer ser padre entre no colégio de Cernache, o que eu entendo poder conseguir pelos meus amigos.

na nossa esta visita de fim do ano.

Tudo gente nova. Vida cheia, a rebentar para outras vidas. A sua visita a nossa casa é uma ligação prática no seu curso. Viram tudo, interessaram-se por tudo. Beijaram os mais pequeninos e passaram-nos de colo em colo. Dividiram seus farnéis e repartiram tostões. Foram quatro horas de comunicação de amor a começar a vida de muito amor que tem de ser a vida de todos os Professores. Deus os encaminhe e acompanhe.

Padre Horácio

PELAS CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

PÁSSAROS, passarinhos e passarões. Tenho sido abordado por alguns dos nossos rapazes para fazer gaiolas. Ora, eu ainda não fiz nenhuma, por amor à liberdade. Mas se aos mais anos as coisas se derem como este, temos que fazer um aviário. Só pelo gosto de vê-los a tratar dos passarinhos, vale a pena. O cuidado que eles prestam aos passarinhos é de muito valor. Eles têm feito guerra aos pardais, mas quando sabem dum ninho de melro ou de pintassilgo, ai andam todos ufanos para os criarem.

Os nossos estudantes, que vêm passar o fim de semana conosco, foram mais longe: levaram pró Lar um pardalito, que tem sido motivo de espanto para quem lá vai. Anda por toda a casa, vai prá varanda e não foge, vai atrás dos rapazes, salta-lhes para os ombros e come com eles à mesa. É um regalo ver estes dois amores.

Isto é a Casa do Gaiato!

JARDINS e Jardineiros. Vamos sentindo a sua beleza. Quer nos jardins, quer nos jardineiros, vamos sentindo um perfume que nos dá força.

Cada grupo de escola tem o seu. Os sapateiros, os alfaiates e os «bigodacas», têm andado em disputa para ver qual é o melhor. O Adriel, que é um dos nossos batatas, também foi pedir á Sra. Professora terreno para um. «Eu também quero ter um jardim». O contacto com a Natureza, logo em pequenino, é a melhor escola. Quem há prá dizer que há tendências para o crime? Estes pequeninos mostram-nos que não. Viu os outros a amarem e a cuidar das flores, viu o resultado das regas, e vendo o fruto desse trabalho, também quer ter um jardim.

Ernesto Pinto

PAÇO DE SOUSA

MAIO — É o mês mais lindo do ano e de que todos gostam. Os grilos são os grilos. «Senhores Grilos». O terço é melhorado na nossa capela e à festa, como todos os anos, se associam estes bichos cantores! É um dos números a que a comunidade está sujeita!

São as caixas de papelão. Delas de madeira. Os grilos são os companheiros também nos refeitórios, oficinas e dormitórios e até há quem os traga no bolso. Uns dão-lhes nacos de borra. Outros, serradela e ervas e ainda mais, massa, etc. Eles também são uns sacrificados. Têm de comer do que lhes dão e todos beneficiam de seus alegres cantares.

MAIS — Por grilos, o Tio Bil que é o Zé Pacóvio, foi aos campos por eles. Ao puxar pela palheira e aos assobios, apareceu uma cobra e foi uma festa. Levaram-na para a Tipografia, chegaram-lhe o fogo e o pobre

do réptil teve uma morte trágica... Não está bem Senhor Martins Favaio. Muito mal Sr. Manuel Eiga. Mau serviço. Bojarda e coadjutores!... Mas, isto é a Casa do Gaiato!

JORNAL — Ainda não chegamos aos 50.000 assinantes e é pena. A campanha está agora sem atropelos, mas tem de prosseguir, pois «O Gaiato» é um bom companheiro e amigo de todas as horas. A chama não se pode extinguir. O Famoso é um verdadeiro baluarte da imprensa nacional, arauto e defensor dos humildes!

QUINTAIS — Deles em todos os cantos, ribanceiras e taludes. Nas horas de ócio são os regadores, latas, picaretas, sacholas, ancinhos, eles! Os quintais são um número obrigatório do nosso programa e são cultivados com alegria.

— Vês, que lindo!
— Olha as minhas couves!
— Anda ver o quintal!
— O coiso, coiso, empresta-me a picareta!

E, no final, quando das colheitas, são as patuscadas... Para já falta azeite, sal e mais uma cozinha. Evaporam-se que é um ápice. O Sepadre Manuel já ralhou, mas quando o Sepadre Carlos der fé do negócio há, concerteza, *sermão e missa cantada!*

DISCOS — Várias pessoas nos têm enviado e nós estamos muito contentes. Está em primeiro lugar a Vadea, casa da especialidade, da Rua

caminhar. Já andávamos cansadas, mas assim é que podemos avaliar a vida de trabalhos e sacrifícios que levavam os Pastorinhos. Nos Valinhos descansámos à sombra das árvores e rezámos o Terço.

Na 2.ª feira ouvimos duas Missas e comungámos, na Capelinha das Aparições. Pedimos a Nossa Senhora pela nossa Obra, pela Obra da Rua e também pelos nossos benfeitores. Depois fomos ver a Basílica por dentro. É muito linda e lá estão os túmulos da Jacinta e do Francisco.

Como resolvemos ficar para 2.ª feira e já só tínhamos pão seco do nosso farnel, a nossa Mãe pediu às Religiosas que nos preparassem um almoço e a merenda do caminho. Pois não querem saber? Foi tudo de graça! Agradecemos muito à Superiora tanto o almoço como o carinho com que nos trataram e toca a pôr as mochilas e a marchar para a camioneta.

Mas o que havia de acontecer? A camioneta, nos dias mortos, não sai do mesmo sítio. Quando demos pelo engano já não fomos a tempo. A nossa Mãe ficou aflita, pois não havia mais comboios com ligação para Viseu. Nisto aparece um Sr. Padre a perguntar-nos donde eramos. Quando soube que era-



mos belenitas e que tínhamos perdido a camioneta, chamou dois carros e fomos seguir rapidamente para a estação. À despedida perguntou-nos se já tínhamos passado algum filme na máquina. Assim ficámos a saber que foi ele que no-la mandou. Pedimos a Nossa Senhora

daniel

CRÓNICA DE BELÉM

Nove belenitas das mais velhas foram a Fátima, no dia 10 de Junho. Eu também fui. Saímos daqui no sábado de manhã, pelas oito horas. Seguimos no comboio pelo Ramal de Viseu, até Santa Comba Dão. Ai mudámos de comboio para a Linha da Beira Alta até à Pampilhosa. Depois seguimos pela Linha do Norte até à estação de Fátima. Daí fomos de camioneta até Fátima.

Cada uma levava a sua mochila, com tudo o que lhe era preciso, sem esquecer um cobertor e a merenda. A nossa Mãe também levava a dela.

Assim que chegámos a Fátima, procurámos a casa das Missionárias Reparadoras, que nos tinha sido indicada pelo Senhor P.e Poças, que é muito nosso amigo. Lá pousámos as mochilas e cantis. Ficámos aliviadas. As boas Irmãs puseram à nossa disposição um quarto com camas e colchões, e assim pudemos repousar, na duas noites que passámos na Cova da Iria. Um dormir no chão outras no ar, mas todas estávamos contentes.

Fomos a Fátima pedir pela Paz e pelo Concílio Eucuménico e para fazer penitência. Nós até iam dispostas a dormir ao relento, no chão, como aconteceu a muita gente.

Depois fomos até ao recinto sagrado, em frente da Basílica. Lá estavam já muitos meninos e meninas, vestidos de cruzados, e outros vinham a chegar. Pouco depois fizemos a Via-Sacra, acompanhados por um Senhor Padre que falava ao microfone.

No mesmo dia, à noite, foi a procissão das velas e a nossa Mãe comprou uma a cada uma. Eu gostei muito.

No domingo, de manhã, foi a Santa Missa de Comunhão geral. Eram mais de trinta mil meninos, a rezar e a cantar pela Paz, pelo Concílio e pela conversão dos pecadores. A seguir foi a procissão Eucarística e depois a procissão do Adeus. Todas gostámos muito e nunca mais nos esqueceremos. Então quando foi a largada das pombas e elas começaram a pousar no andar de Nossa Senhora e também nos Senhores Bispos... Foi um encanto e uma alegria!

À tarde fomos aos Valinhos, onde apareceu Nossa Senhora, e à Loca do Cabeço, onde lhes apareceu o Anjo de Portugal. Também fomos às casas dos Pastorinhos. Estes lugares são distantes da Cova da Iria e fartámo-nos de

ra que lhe pagasse tudo e lá fomos, todas contentes.

A viagem para casa foi parecida com a primeira. Chegámos a Viseu por volta das 9 e meia da noite e foi uma alegria ao entrarmos na nossa casinha, porque vínhamos fartas de comboio.

As que ficaram em casa, com a Senhora D. Helena, cantaram-nos, à chegada, umas quadras muito engraçadas, inventadas por elas.

Muitas graças a Nossa Senhora, que sempre nos acompanhou.

Marina

x x x

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

RESPOSTAS AO S. O. S. — Bem quisera, em o número anterior, dar nota das respostas ao último S. O. S. que lançámos. Mas foi completamente impossível — por o Famoso ser cada vez mais pequeno e mais disputado!

Verdade, verdadinha, não temos legião de presenças. Todavia, quem marcou distinguu-se. Foram poucos mas bons. Isso é que interessa.

Lisboa — a capital — foi a primeira a comparecer, com 100\$00, pela mão «Duma antiga assinante, sempre dedicada à Obra». Se todos os ecos vibrassem intensamente na Capital — quanto bem daí viria!... Mas Lisboa também acorda — quando é preciso acordar. Tanto que não ficou só por ali. Veio, depois, mais um adorável testemunho de «Um humilde pecador», com 200\$00. O Porto não podia faltar! E veio, mesmo, em procissão, até à nossa aldeia, com uma nota de 1.000\$00, entregue pelas Alunas do Liceu Rainha Santa Isabel. Eis uma visita já tão certa, tão certinha, que jamais deixará de ser — porque o entusiasmo cresce de ano para ano! Finalmente, o Pedrinho, de Espinho, também nos quis aliviar, com 50\$00, o fardo da botica. E a procissão, creio, não deverá recolher por aqui...

Júlio Mendes

Setúbal

Fazemos em 1 de Julho sete anos. Foi em cinquenta e cinco que Pai Américo deu o sopro vivificante e impulsivo. Estamos em idade de mudar os dentes e ir prá escola. Não na de dar filhos criados. Eles vêm sem nada e a sua natureza tantas vezes depauperada pelas lições da rua, exige longo tempo para uma recuperação estável. Daí que não os temos em qualidade e número, capazes de fazerem sentir a sua presença entre nós, como muitos esperarão.

«O Setubalense» está em Cavalaria 6 no Porto. Foi o primeiro, criado nesta Casa, que saiu para a tropa. Assentou praça em Elvas, foi transferido para o Porto e agora escreve a informar-me que vai passar a outra unidade e sairá depois para o Ultramar. A Pátria não sabe quanto nos deve por este filho que A defende.

O Joaquim foi o primeiro rapaz que Setúbal nos deu e daí a alcuinha de «O Setubalense». Tinha 14 anos. Não sabia uma letra do seu tamanho. Embrutecido, selvático, destrambelhado. Ele e nós sofremos muito por môr do seu equilíbrio. Cheguei a desanimar. Hoje não. Temos homem.

É sapateiro de profissão e sabe do seu ofício. Tem carta de condução e é empregado na Sola.

Se sair para o Ultramar tem muito por onde se defender e por onde enriquecer a Pátria como tantos outros irmãos seus de outras casas, que lá se têm portado à altura das responsabilidades da hora presente.

Ele é a primeira oferta que queremos apresentar à cidade e a quantos nos lerem neste nosso aniversário.

A missão do Padre é um mistério de luz, como escrevia Pai Américo. Faz clarão, mas sempre no misterioso. Tantos dão conta da claridade e não percebem o caminho. A gente passa por qualquer parte e tudo são elogios e aplausos — é o clarão. Mais nada. Viver o problema desta sociedade, dominada por um peso de miséria enorme, como alguém que enfrenta as dificuldades para melhorar a sorte dos miseráveis — o que é o caminho — nada. Braços cruzados, preocupações pessoais, apreciações de tudo e de todos... mais nada. O resto é com os outros.

Eu já tenho deixado cair os braços. Os elogios amachucam em vez de estimularem.

«O Setubalense» é um exemplo vivo de quanto vale o amor operante, activo, em favor dos abandonados.

Padre Acílio

VISADO PELA

Comissão de Censura



Totobola



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

A reunião com os jornalistas do Porto foi há dias. Uns mais longamente, outros menos, todos esclareceram os leitores dos seus jornais. E têm-nos chegado rumores desta informação. Até de fora do Porto!

Ora vejam este postal de Leiria:

Vivendo com minha irmã, e sendo esta, assinante do jornal «O Gaiato», e lendo os artigos de «O Gaiato» referentes ao Totobola e ultimamente lendo no jornal «O Século» o apelo que V. Rev. fez por intermédio dos órgãos da Imprensa e da Rádio para cotização de 20 centavos por cada boletim do Totobola e jogando eu, bem como várias pessoas amigas, no Totobola, venho por intermédio deste simples postal comunicar a V. Rev. que apoiamos a Feliz Iniciativa.

«Assinam» sete pessoas.

Outro, das Minas das Panasqueira, acrescenta:

O tostão do Totobola tem que ir à frente e se a Imprensa Desportiva o quiser, mais cedo será realidade. Já não falo dos outros periódicos, pois «quasi» todos se abstêm de falar na Obra do Gaiato, INCOMPREENSIVELMENTE, para mim. Se as lágrimas que o Gaiato faz brotar pela sua leitura, fossem transformadas em pérolas, perdiam estas o seu valor. E eu gosto que as lágrimas tenham valor.

Eu deixo ir tal qual, com toda a veemência em que foi redigido, embora eu próprio não perfilhe a queixa deste nosso assinante.

Famalicão da Anadia traz o seu voto com «votos para o bom êxito da Campanha» e acrescenta:

«Tenho três primos em Lisboa que ultimamente têm sido bafejados com a sorte neste jogo. São bons rapazes; prometo lembrar-lhes o V. apelo».

De Ferreira do Alentejo «seguem mais dois votos \$10 por impresso. E que os nossos desejos se concretizem».

Ora a solução de \$10 por impresso já a abandonámos por algo complicada. Um dos cuidados a ter em vista na realização deste propósito é, justamente, simplificar o mais possível o modus faciendi.

Tínhamos ficado ultimamente nesta ideia:

Um tostão — a mínima moeda — pela aposta mínima que se pode fazer — 3\$00. Assim, apenas se tocaria em dinheiro uma vez: na altura de entregar a matriz preenchida. O processo

era simples e justo, porque os apostadores mais modestos dariam um ou poucos tostões e os de muitas apostas dariam mais.

Ainda assim entendeu-se que teria de se fazer contas e que os apostadores de múltiplas podiam sentir nos escudos (o máximo seria 4\$80!) uma contribuição demasiada — e então, justamente no citado encontro com a Imprensa, concluiu-se que o mais simples (isto irrecusavelmente simples!) seria dar \$20 por cada matriz preenchida, fôsse qual fôsse o número de apostas nela contidas.

Nesta hipótese, a contribuição do Totobola no Património dos Pobres andaria por metade da hipótese anterior. Deixá-lo... Seria, ainda assim, uma quantia apreciável. E o que interessa mais, é a participação consciente de uma grande multidão, que iria exercitando, semana a semana, pelo preço de

um pequeno sacrifício, o sentido de responsabilidade social, que nos faz assumir o excesso dos problemas dos outros, que não têm em si recursos para os solucionar.

Como sempre, nas obras saídas da mão de Pai Américo, não é a assistência o bem mais notável que se faz; é a transformação de mentalidades, é o que se faz fazer com base segura nesta transformação.

Os dois tostões por matriz seriam uma lembrança perseverante; uma chamada de atenção para a falta de casa digna de seres humanos que aflige milhares de famílias, centenas de milhares de homens nossos irmãos.

Eu espero que o povo há-de compreender e aqueles de quem depende o sim não-de acreditar no alcance profundo desta campanha e na realidade de benção que ela pode constituir para o Totobola.



Uma Carta

Ela chegou-nos imediatamente após a reunião com a Imprensa do Norte sobre o Totobola. Não se refere tanto à participação deste no Património dos Pobres, como a um aspecto entitativo, essencial, deste movimento de salvação que Deus inspirou a Pai Américo.

A carta aí vai com a sua sugestão. É tarde para que ela se cumpra na data sugerida. Mas ela é sempre oportuna em qualquer outra data, por exemplo, rente ao aniversário de Pai Américo — 23 de Outubro...

Que bem não seria que esta Diocese do Porto onde o Património dos Pobres nasceu e onde tem fructificado mais exuberantemente, com auxílios vindos de todo o mundo português — que bem não seria que ela lhe correspondesse com este pedidório que, com certeza, seria bem aceite!...

Aos Párcos da Diocese endosso esta carta.

Foi com enorme prazer que li no jornal «O Primeiro de Janeiro» do dia 16 do corrente, a notícia do movimento em marcha para o Património dos Pobres.

Sem outras palavras, porque desnecessárias, permita-me V. Rev.ª, que recorde as últimas palavras do Pai Américo na última inauguração do Património dos Pobres, a que procedeu.

Foi na paróquia do Carvalhido, 8 dias antes do Senhor o chamar para o Seu Seio.

O pároco anunciou: Vai falar

o Sr. P.e Américo. E o Sr. P.e Américo começou assim: «Eu não tenho nada que dizer. A Obra fala». E assim é. A obra fala. E continuou afirmando que «esta Obra é também da Igreja». Ora, é aqui que eu, como cristã, que conheço alguma coisa desses tugúrios miseráveis que são a nossa vergonha e nos acusam, quero pedir que ao mesmo tempo que se procura agitar o movimento, se agitem as consciências dos cristãos, na Igreja. A Obra é também da Igreja, afirmou-o o Saudoso Pai Américo, 8 dias antes de o Senhor o chamar.

E com este pensamento eu venho pedir a V. Rev.ª que seja sollicitado ao Prelado, que permitisse em todas as Igrejas da Diocese do Porto um pedidório em todas as Missas num domingo do próximo mês. Como dia 16 de Julho faz anos que o P.e Américo partiu, eu peço licença para lembrar o dia 15. Como o Pai Américo ficaria contente! Como o povo receberia bem e daria bem a sua esmola, ele que tanto amou esse Apóstolo!

V. Rev.ª não precisa de mim, mas se entender ouvir-me terei muito prazer.

Deixo aqui a V. Rev.ª a oferta humilde dos meus humildes préstimos. Lembro-me, ao terminar, das palavras do Sn. Padre Américo, quando falou em Fátima, traçando aos sacerdotes um novo caminho de regresso às suas paróquias.

«Ama e Aflige-te».

Depois que aqui se disse que as belenitas iam fazer pequenos trabalhos para serem vendidos em favor da Casa Nova, muitas senhoras têm mandado riscos, pedaços de tecido e linhas aos mesmos destinados. Outras sugeriram vários géneros de trabalhos. Algumas mandaram mesmo as respectivas amostras, explicando a técnica da sua confecção. Agradecemos muito todo o interesse que o facto significa. E as sugestões cá ficam, para serem postas em prática quando for possível. Por agora, as pequenas vão consumindo o pouco tempo que lhes sobra da Escola e dos afazeres domésticos em pequenos bordados e rendas, que já vão executando com relativa perfeição. Assim que cheguem as férias começaremos a nossa venda.

O assinante n.º 11.119, de Lisboa, respondeu ao nosso apelo do seguinte modo:

«Desde o primeiro anúncio do projecto da compra da Casa Nova, fiz o propósito de concorrer com uma migalha para esse fim, mas, um pouco por descuido, demorei o cumprimento de tal propósito. Faço-o hoje com muita satisfação, enviando uma nota de 500\$. Rogo a Deus que inspire muitas almas a concorrer para tal fim de modo que, em breve, a «Casa Nova» possa ser uma realidade, como muito desejo».

«Obtida entre um pequeno grupo de americanos, tive o prazer de enviar a V. a quantia de 295\$10 — Lúcia».

De Lisboa comparecem Bertha com 50, Maria Amélia com 20 e Luísa com outro tanto. Outra Luísa, que se ofereceu para tia das Belenitas, também com 20. De Chaves, Maria com cheque de 500. Outra «tia» com 350\$.

Benfeitora de Viseu entregou 200 mais 200. Um anónimo de Vouzela mandou entregar em nossa Casa mil escudos. Senhoras que nos visitaram entregaram 350 mais 200 mais 10. Um Casal que nos visitou entregou 500. A representante do Casal R. D. enviou 50. Contribuição de Maio e Junho de Maria Ceília e Marido, de Braga. 20 de Valadares e outro tanto de E. C.

No Banco Nacional Ultramarino recebemos 1.000\$, transferência de Castelo Branco.

Helena, de Lisboa, enviou, como prometeu, as rendas da Casa, de Maio e Junho.

«Junto enviamos um cheque de 1.400\$, para ajuda da compra da nossa quinta, primeira renda dum andar que comprámos para rendimento».

De Newark, Maria Rodrigues enviou 20 dollars, esmola sua e também dum senhoras amigas. Uma Senhora viúva de Lourenço Marques, marcou presença com 100 de Moçambique.

O Pai da Gracindinha compareceu com as suas quotas de Maio e Junho e cerejas e laranjas muito saborosas, segundo afirmaram as belenitas.

O Colégio Gussell, de Lisboa,

enviou 295\$ em vale. O Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho enviou 4 contos de uma festa realizada pelas suas alunas para a Casa Nova das belenitas.

De Paço de Sousa recebemos vales de 950\$ e 450\$ — total dos donativos ali recebidos.

«Junta encontrará uma nota de 500\$, importância com que contribuo para a ajuda da compra da Quinta para a instalação das belenitas» — «Um humilde pecador» — Lisboa.

Da mesma terra, 100, de Adeline e 350 de Maria. Outro de 50, de Carolina, do Porto. Mais 50 dum «Mãe e avó» de Coimbra e outro tanto de Jesuína do Porto.

«Para a tal ideia dos 50\$00 por assinante, para a compra da Casa, aí vão os que dizem respeito à assinatura n.º 5392. Não podia deixar de marcar presença, não propriamente em meu nome mas no de meu Pai, que é assinante do Jornal e que grave doença prende há muito a uma cadeirinha de rodas».

Recebemos peças de roupa, retalhos de tecido, riscos, linhas de bordar e amostras de Lisboa, Porto, Ilhavo, Moscavide, Vila Nova de Paiva, Lamego e de uma avó».

A Moagem e Panificação do Norte, Lda enviou 60 quilos de massa alimentícia. Quem dera que mais empresas se lembrassem de nós com géneros alimentícios.

Para terminar, o belo exemplo daquele anónimo de Lisboa, que há muito enviava mensalmente 20\$00. Há tempos resolveu mandar mais 20 até Julho, dada a campanha em que andamos empenhadas. Vejam o que ele diz:

«Venho, cheio de alegria, dar a grata notícia de que passei a receber 300\$00 mensais pelo meu trabalho extraordinário, o que me faz muito jeito. Por isso resolvi subir para 50\$00 a minha quota permanente, pois quero contribuir com 10% deste meu segundo ordenado...»

Acusamos recebidas as quotas de Maio e Junho, esta última acompanhada de umas palavras a reclamar por ainda não terem saído as contas no Jornal... «porque não falando delas pode acontecer que muitos se esqueçam que se torna necessário, que os nossos esforços se conjuguem...» — É assim mesmo! Bem-haja!

Ora aqui está um caso digno de ser meditado, para tirarmos conclusões. Se os grandes capitalistas aprendessem a fazer contas com este Senhor da classe média, que vive do seu trabalho e com muita economia, nunca faltaria casa ao Pobre que a não tem.

★

Feitas as contas verificamos que podemos pôr de parte, para a Casa Nova, mais 10.000\$00.

Ficamos pois a precisar só de:

760.000\$00

— 10.000\$00

750.000\$00

Inês — Belém — Viseu

